

NOTÍCIAS SOBRE "BRASILIANAS"

EDGAR CARONE

NOTÍCIAS SOBRE "BRASILIANAS"

EDGARD CARONE

Em fins de 1931, Fernando de Azevedo lança a serie V da Biblioteca Pedagógica Brasileira, chamada *Brasiliana*. O livro escolhido para inaugurar a Coleção é o de Batista Pereira, *Figuras do Império e Outros Ensaios*. No ano seguinte sai o segundo volume, *O Marquês de Barbacena*, de João Pandiá Calogeras, seguido por grande número de outros, entre eles o de um viajante estrangeiro, Auguste de Saint-Hilaire.

Os livros que surgem em 1932, indiscutivelmente são de lavra dos escritores nacionais conhecidos do público: aparecem historiadores, sociólogos e publicistas, como Oliveira Viana, com *Raça e Assimilação*, inédito; novamente Batista Pereira, genro de Rui Barbosa, com *Vultos e Episódios do Brasil e Diretrizes de Rui Barbosa*; e Alcides Gentil, que divulga o pensamento do seu mestre, no *As Idéias de Alberto Torres*.

Em 1933 repete-se a tendência. Reeditam-se dois livros de Oliveira Viana, que na década anterior tiveram muito sucesso: *Populações Meridionais do Brasil e Evolução do Povo Brasileiro*. Sai um inédito de Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*. Luís da Câmara Cascudo publica o livro sobre o *Conde D'Eu* e, Pedro Calmon, a sua síntese da *História da Civilização Brasileira*. Do Visconde de Taunay publica-se *D. Pedro II*, inédito; e de seu filho, Afonso de Taunay, uma coletânea, *Visitantes do Brasil Colonial (Séculos XVI-XVII)*. Porém, as novas edições de *A Organização Nacional* e o *Problema Nacional Brasileiro* mostram o interesse pela divulgação do pensamento de Alberto Torres. Finalmente, a biografia de Mauá, feita pelo seu genro, Alberto de Faria, aparece na sua segunda edição; e Wanderley Pinho publica uma obra original, *Cartas do Imperador D. Pedro II ao Barão de Cotegipe*.

Em 1934 surgem inovações, sendo apresentadas obras de escritores novos ou pouco conhecidos, como os de Mário Marroquim, *A Língua do Nordeste*; Joaquim de Sampaio Ferraz, *Metereologia Brasileira*; Alberto José de Sampaio, *Fitogeografia do Brasil*; Josué de Castro, *O Problema da Alimentação no Brasil*; Angione Costa, *Introdução à Arqueologia Brasileira*; Cândido de Melo Leitão, *Visitantes do Primeiro Império*. Ao mesmo tempo, sai obra polêmica, a de Azevedo Amaral (*O Brasil na Crise Atual*), que é debate sobre a situação política do momento.

Por sua vez, continuam a sair livros de autores consagrados, como os de Batista Pereira, *Pelo Brasil Maior*; Roquete Pinto, *Ensaio de Antropologia Brasileira*; Evaristo de Moraes, *A Escravidão Africana no Brasil*; Pandiá Calogeras, *Problemas de Administração*; Alfredo Ellis Jr., *Populações Paulistas*; Frederico Rondon, *Pelo Brasil Central*, todos eles em primeira edição. Como reedição aparecem Alberto Rangel, *Rumos e Perspectivas*; Couto de Magalhães, *Viagem ao Araguaia*; Alfredo Ellis Jr., *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano*.

Em 1935 repete-se a tendência da coleção: são os novos, com Almeida Prado e seu *Os Primeiros Povoadores do Brasil*; Estevão Pinto, com o primeiro volume de *Os Índigenas do Nordeste*; Renato Mendonça, com *A Influência Africana no Português do Brasil*; Urbino Viana, com *Bandeiras e Sertanistas Baianos*; Mário Travassos com *Projeção Continental do Brasil*; Otávio de Freitas, com *Doenças Africanas no Brasil*; e Antonio Gontijo de Carvalho, com *Calogeras*.

Obras de autores clássicos e conhecidos, mas inéditas, são as de Rui Barbosa, *Mocidade e Exílio*; Pedro Calmon, *Espírito da Sociedade Colonial*; José Maria Bello, *Inteligência do Brasil*; Saboia Lima, *Alberto Torres e Sua Obra*; Manuel Bonfim, *O Brasil* e Gustavo Barroso, *História Militar do Brasil*. São reedições, *Rondônia*, de Roquete Pinto; *Formação Histórica do Brasil*, de Pandiá Calogeras; e *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*, de Basílio de Magalhães. Pela segunda vez, publica-se obra clássica de um viajante estrangeiro, *Mulheres e Costumes do Brasil*, de Charles Expilly.

Finalmente, em 1936, Fernando de Azevedo acrescenta dois novos elementos característicos à Coleção: a publicação de viajantes estrangeiros passa a ser frequente (até então só existem dois livros publicados); e aparecem traduções e publicações de contemporâneos estrangeiros sobre o Brasil. É assim que são editados, inicialmente, *Viagem à Província de Santa Catarina*, *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco* e *Pela Província de Goiás e Segunda Viagem ao Interior do Brasil (Espírito Santo)*, todos de Saint-Hillaire. *A Vida dos Índios Guaycurus*, de Emílio Rivasseau; *Viagem ao Brasil*, de Louis Agassiz; *Através da Bahia*, de Spix e Martius; *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*, de Alfred Wallace; *História das Guerras e Revoluções do Brasil de 1825 a 1835*, de Karl Seidler; *Geologia e Geografia Física do Brasil*, de Charles Hartt; *O Brasil e os Brasileiros*, de Kidder e Fletcher; *Viagens ao Nordeste do Brasil*, de Koster, etc.

Ao mesmo tempo são divulgados os contemporâneos Serafim Leite, com *Páginas de História do Brasil*; Hermann Watgen, com *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*; Ernesto Ennes, com *A Guerra dos Palmares*; Roy Nash, com *A Conquista do Brasil*; Normano, com *Evolução Econômica do Brasil*, etc.

Como vemos através desta longa enumeração, a publicação incide sobre temas brasileiros os mais variados, que vão da geologia e climatologia até os estudos da sociedade. E utiliza-se, indistintamente, obras clássicas e de contemporâneos, inéditas ou não.

Assim, a tendência da Coleção é tentar sistematizar o Brasil de maneira a mais completa. É verdade que no passado, e durante a década de 1930, foram tentadas outras experiências neste sentido. Mas, a revolução de 1930 obriga a maior reflexão sobre o presente e o passado, pois, todo o abalo social leva os personagens a indagações cruciais sobre as origens destas motivações. Daí, a aparição de grande número de obras, ou Coleções ou até Editoras que se dedicam a assuntos brasileiros, do qual a *Brasiliana* é o exemplo mais sistemático e feliz.

No entanto, a temática dos livros enumerados, apesar do seu caráter indagatório, obedece a uma tendência essencialmente conservadora. Como dissemos, as publicações da *Coleção Brasiliana* podem ser divididas, esquematicamente, em clássicos e contemporâneos. Nas primeiras, incluímos os viajantes e publicistas do século XIX: quanto aos viajantes, o que os caracteriza fundamentalmente é o espírito de observação. E dos clássicos, podemos dizer que representam um variado campo de ideal, mas, sempre dentro do espírito do *status quo*. Apesar da importância destes pensadores, podemos dizer que as idéias de Alberto Torres, ou Tavares Bastos, ou Rui Barbosa, não contestam em nada os fundamentos da sociedade oligárquica do passado (baseada na terra e no poder político da elite agrária), nem da do presente —mesmo que ainda fossem prementes e atuais os problemas destas estruturas.

De sentido mais conservador — e às vezes reacionário — são algumas obras de autores contemporâneos. Sem querer desconhecer o seu valor, também podemos dizer que a publicação de um Oliveira Viana representa o saudosismo e o racismo histórico. Pandiá Calogeras é, em grande parte, sinônimo de um catolicismo de tendência exclusivamente reacionária. Azevedo Amaral é um teórico, rico em sugestões, mas que se encaminha para o totalitarismo do Estado Novo. E Gustavo Barroso é o chefe de um patriotismo *à outrance* e do integralismo.

Os exemplos citados, voltamos a repetir, não infirmam os valores, mas os definem. E, mesmo que enumerássemos grande maioria de obras que não se incluem neste conceito, não podemos esquecer que ainda sobram, não por simples acaso, o conservadorismo de um Pedro Calmon e o reacionarismo integralista de um Luís da Câmara Cascudo ou Mário Marroquim.

Apesar destas tendências frequentes mas não únicas, podemos dizer que a riqueza e a extrema variedade das obras tornaram de um grande interesse a *Coleção Brasileira*. O fato torna imensa a sua valia, mérito que se pode acordar ao seu organizador, o Sr. Fernando de Azevedo.

No entanto, a tentativa do Sr. Fernando de Azevedo tem aspectos diferentes de numerosas outras da época. É verdade que a Coleção foi feita com o apoio de uma poderosa casa editora, que é a Companhia Editora Nacional. Porém, outras editoras ou outros organizadores também realizaram experiências neste sentido: são exemplos a *Coleção Azul*, da Schmidt-editor, e a *Coleção Documentos Brasileiros*, da José Olympio. Mas, se quisermos aprofundar a indagação e perceber a tendência ideológica das publicações, veremos que existem diversas nuances de sentido conservador nas coleções ou edições da época.

Voltamos a repetir que a palavra conservador tem aqui somente conotação política e social e traduz continuidade ou "establishment". Dentro deste sentido, as publicações de caráter o mais reacionário e baseados no fascismo europeu são as de Schmidt-editor e da *Coleção Problemas Políticos Contemporâneos*, da José Olympio.

O poeta Augusto Frederico Schmidt organizara, em 1931, a sua editora. Bem antes da José Olympio ou Ariel tornarem-se os editores da nova geração de romancistas e ensaístas brasileiros, a Schmidt divulgava e reeditava Amando Fontes, Jorge Amado, Lúcia Miguel Pereira, Rachel de Queiroz, José Geraldo Vieira, Graciliano Ramos e outros. Ao lado de autores literários de esquerda, a sua editora divulga, em grande estilo, grande número de autores conservadores e reacionários: é o catolicismo direitista de Tristão de Athayde, com *Problema da Burguesia e Debates Pedagógicos*; é o racismo de Carlos Dante de Moraes, com *Viagens Interiores*; é o pensamento pré-integralista e cético de Cândido Mota Filho, com *Alberto Torres e o Tema da Nossa Geração*; são os ensaios negativistas de Almir de Andrade, com *Aspectos da Cultura Brasileira e A Verdade Contra Freud*.

O ápice editorial, porém, é a Coleção Azul, já tratado por nós em outro local (*Coleção Azul, Crítica Pequeno-burguesa à Crise Brasileira de 1930*, Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte, nº 25-26, 1968/1969). Sairam publicados cinco livros, mas que exemplificam bem a temática da passagem do liberalismo conservador a um direitismo integralista. Sem querer examinar detidamente o valor e as ansiedades contidas nos livros, podemos dizer que a *Coleção Azul* é, tipicamente, o mais feliz retrato da situação política do momento. Os editados são integralistas, como nos casos de Plínio Salgado, com *Psicologia da Revolução*. Outro defensor das idéias revolucionárias da época, Virgínio Santa Rosa, com *O Sentido do Tenentismo*. Os demais são críticos da situação dominante, mas não passam de reformistas: *Introdução à Realidade Brasileira*, de Afonso Arinos de Mello Franco; *Brasil Errado*, de Martins de Almeida; e *A Gênese da Desordem*, de Alcindo Sodré.

Os ensaios e os trabalhos políticos de Schmidt-editor formam o cerne de suas publicações. Mesmo editando alguns trabalhos históricos que fogem da tendência (*Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre; *O Ante-projeto de Constituição em Face da Democracia*, de José Augusto), existe na sua linha editorial uma posição clara. No entanto, imprecisa é a atitude de uma editora como a José Olympio: a sua *Coleção Problemas Políticos Contemporâneos* é simplesmente uma solução comercial. No tempo que estava estabelecido em São Paulo, José Olympio era o grande editor de Humberto de Campos; transferindo-se para o Rio de Janeiro em 1932, relançará grande parte da nova literatura brasileira, da modernista à regionalista.

Como se dará com outras publicações (*A Nova Política do Brasil*, de Getúlio Vargas), a *Coleção Problemas Políticos Contemporâneos* é o exemplo da política comercial do editor. Nesta *Coleção* saem, a partir de 1934, uma série de ensaios, quase que exclusivamente de autores integralistas: é Miguel Reale, com *O Estado Moderno, Formação da Política Burguesa e Atualidades de um Mundo Antigo*; é Plínio Salgado, com *Sufrimento Universal, A Quarta Humanidade, Despertemos a Nação e Palavra Nova dos Tempos Novos*; é Tasso de Silveira, com *Estado Corporativo*; é Gustavo Barroso, com *O Quarto Império*; é Menotti Del Picchia, com *Soluções Brasileiras*; é Jaime R. Pereira, com *Democracia Integralista*, etc. Também na *Coleção* saem livros de conservadores: *Formação Brasileira*, de Hélio Viana; *Introdução à Política Moderna*, de Cândido Mota Filho; *Aventura Política do Brasil*, de Azevedo Amaral; *No Limiar da Idade Nova*, de Tristão de Athayde.

De caráter algo diferente é a *Coleção Documentos Brasileiros*, da própria José Olympio. Temos aí uma experiência que não se assemelha grandemente com a *Coleção Brasileira*, e que objetiva também o estudo do passado. O seu primeiro lançamento é *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda; logo lhe seguem *Memórias*, de Oliveira Lima; *Bernardo Pereira de Vasconcelos e seu Tempo*, de Otávio Tarquínio de Souza; *Nordeste*, de Gilberto Freyre; *O Outro Nordeste*, de Djacir Menezes; *No Rolar do Tempo*, de Alberto Rangel; *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, de Afonso Arinos de Mello Franco; *A Sabinada*, de Luís Viana Filho; *Brasília Machado*, de Alcântara Machado; *O Romance Brasileiro*, de Olívio Montenegro; *Memórias de um Senhor de Engenho*, de Julio Belo; *Diário*, de André Rebouças; *A Vida Dramática de Euclides da Cunha*, de Eloy Pontes; *Gari-baldi e a Guerra dos Farrapos*, de Lindolfo Color; *A Morfologia do Homem do Nordeste*, de Álvaro Ferraz e Andrade Lima Jr.; e *Canudos*, de Euclides da Cunha.

Os 16 volumes iniciais, que saem de 1936 a 1939, foram selecionados por Gilberto Freyre. Como vemos, a grande maioria dos autores do passado e presente são conservadores, isto é, pertencem ao "establishment". A *Coleção* distingue-se da *Brasília* no sentido de menor ambição temática e não publicação de viajantes e livros polêmicos. No resto, estuda o passado para conhecer o presente. fato simbolicamente representado pelo livro inicial de Sérgio Buarque de Holanda.

Quem pretende romper toda esta tradição e quer modificar os valores estabelecidos é a corrente esquerdista. Vai-se tentar pela primeira vez reformular conceitos e estudar a realidade brasileira através de novos pontos de vista. É verdade que toda formulação histórica passada será usada como manancial de conhecimento, mas, os ensaístas e historiadores marxistas vão procurar compreender os problemas através do processo econômico e social, o que, conseqüentemente, os leva a novas conclusões.

O ponto alto da recente tentativa marxista é o livro de Caio Prado Júnior, *Evolução Política do Brasil*, de 1930. A nova síntese é compreensão da luta de classes no Brasil, aspecto quase inteiramente original dentro da nossa bibliografia. Porém, um outro livro aparecera anteriormente, e que o torna, na verdade, o primeiro livro marxista brasileiro: é *Mauá, Restaurando a Verdade*, de E. de Castro Rebelo. Apesar de ter saído em 1932, pela Editorial Universo, algumas de suas partes já tinham sido publicados na revista *Cultura*, de João Mangabeira, em 1928. A polêmica do professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro é réplica à obra de Alberto de Faria, *Mauá*, cuja primeira edição é de 1926.

Estes dois livros são os únicos sobre assuntos históricos, pois, a maior parte da literatura marxista publicada trata de temas atuais. É verdade que a tradição marxista era muito recente, pois, o anarquismo no Brasil somente divulgou os seus clássicos, mas nenhuma obra histórica original. Esta tradição é rompida com dificuldade a partir de 1922, quando da fundação do Partido Comunista do Brasil. Apesar da existência de alguns ensaios e escritos da década de 1920, é na seguinte que se dá uma maior expansão da literatura marxista. A maior parte das publicações são feitas em formas de publicações efêmeras, como panfletos e revistas. A precariedade das edições torna difícil o levantamento do que foi lançado na época.

No entanto, na década de 1930 o movimento esquerdista fomentou intenso movimento editorial, que se resumiu principalmente na edição dos clássicos do marxismo europeu. A Edições Unitas, orientada pelos trotskistas de São Paulo, lançou, com prefácios de Mário Pedrosa e Aristides Lobo, *O Estado e a Revolução* (1934), de Lenine, e *ABC do Comunismo* (1933), de N. Bukharin. Além disto saem livros de Trotski, Lenine, Marx e Engels, Plekanov, etc. No entanto, de sua *Biblioteca Socialista*, com mais de trinta títulos programados, só é editado o primeiro da série, *O Estado e a Revolução*.

As Edições Cultura Brasileira também só divulgam estrangeiros. São os alemães Max Beer e Ernest Thalheimer; o historiador russo Prokovski; o americano John Reed, etc. De brasileiros só sai a obra do político liberal, João Neves da Fontoura: *A Voz das Oposições Brasileiras* (1935). São discursos proferidos na Câmara Federal contra a avalanche ditatorial que se aproxima.

Mas, cabem também às pequenas editoras o mérito de lançarem algumas obras marxistas originais: é de 1934 o *Dicionário da Questão Social*, de Raul Maia, um pseudônimo, e sem casa editora. Almachio Diniz publica, neste ano tres obras: *Sociologia Soviética*, pela Conkson; *Preparação Socialista do Brasil*, pela Calvino; e *O Fenômeno Jurídico no País dos Soviets*, pela Marisa.

Apesar de termos abandonado alguns dados, a exposição nos mostra a pujança editorial no Brasil, na década de 1930. É verdade que poderíamos alongar os fatos, mas a nossa intenção não foi fazer balanço completo e, sim, mostrar algumas tendências existentes. É assim, por exemplo, que a Livraria do Globo publicou, ao mesmo tempo, como a José Olympio, autores liberais e direitistas; de um lado saem *Marchas e Combates (A Coluna Prestes)*, de Lourenço Moreira Lima, *A Coluna Prestes*, de Sady Cabral; e *A Aliança Liberal*, de João Neves da Fontoura. Por outro lado, publicou a *Coleção Inquéritos* sobre a Rússia, livros extremamente tendenciosos e de caráter fascista. Nesta *Coleção* saem dois autores brasileiros: *O Comunismo Russo e a Civilização Cristã*, de D. João Becker, e *A Questão Social e a República dos Soviets*, de Alberto de Brito.

Por sua vez, a Record publicou a *Biblioteca Histórica* editando viajantes estrangeiros (*Carta de Pero Vaz Caminha, A Nova Gazeta Alema* e Luccok) e autores contemporâneos brasileiros (Joaquim Ribeiro, Alberto Lamego, Jacques Raimundo, João Ribeiro, etc.).

Pelo que podemos ver, aparece refletida nas publicações da época toda a problemática política e social, havendo debates em torno das diversas opções apresentadas para a nossa realidade. As soluções de direita e esquerda existem mas não dominam. O que é predominante ainda são os pontos de vista dos grupos oligárquicos, situacionistas, as do "establishment". Daí a maior força e domínio destas publicações, que resultam em conjuntos mais equilibrados e de maior coerência histórica. A *Coleção Brasileira* é o caso mais pujante e duradouro, pujança que, não podemos esquecer, é obra resultante da concepção de um Fernando de Azevedo.